

COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura

Curso de Especialização Saberes e Fazeres no Ensino de
Artes Visuais

Hilario Ferreira da Silva

**O CADERNO DE ARTISTA E SUAS MEMÓRIAS:
Desenhando olhares e emoções**

Rio de Janeiro
2021



Hilario Ferreira da Silva

O CADERNO DE ARTISTA E SUAS MEMÓRIAS:
Desenhando olhares e emoções

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora Professora Dr^a Janaína Laport Bêta

Rio de Janeiro
2021

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

<p>S586 Silva, Hilário Ferreira da O caderno de artista e suas memórias: desenhando olhares e emoções / Hilário Ferreira da Silva. - Rio de Janeiro, 2021.</p> <p style="text-align:center">17 f.</p> <p style="text-align:center">Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico (Especialização em Sabres e Fazes no Ensino de Artes Visuais) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.</p> <p style="text-align:center">Orientador: Janaína Laport Bêta.</p> <p style="text-align:center">1. Artes visuais – Estudo e ensino. 2. Desenho. 3. Livro de artistas. 4. Materiais de artistas. I. Bêta, Janaína Laport. II. Colégio Pedro II. III. Título.</p> <p style="text-align:right">CDD 700</p>

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

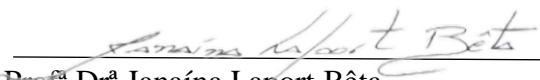
Hilario Ferreira da Silva

O CADERNO DE ARTISTA E SUAS MEMÓRIAS
Desenhando olhares e emoções


Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista Ensino de Artes Visuais.

Aprovado em: 30/9/2021

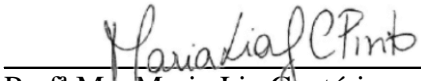
Banca Examinadora:



Prof^ª Dr^ª Janaína Laport Bêta
Colégio Pedro II



Prof^ª Dr^ª Greice Cohn
Colégio Pedro II



Prof^ª Me. Maria Lia Gautério
Colégio Pedro II

Rio de Janeiro
2021

O CADERNO DE ARTISTA E SUAS MEMÓRIAS: Desenhando olhares e emoções

Hilario Ferreira da Silva

Resumo: O presente artigo foi apresentado como trabalho de conclusão do curso de especialização em Saberes e Fazer no Ensino das Artes Visuais do Colégio Pedro II. Pretende expor que todo artista, ao fazer uso de seu caderno, trilha um caminho mais concreto para mostrar suas ideias. Como o desenho, com suas anotações e inquietações refletem seu íntimo, procurando solucionar suas dúvidas ao mesmo tempo em que conversa com sua alma. Abordará também a relevância de se registrar a motivação e a descoberta provocada pelo olhar do artista e a importância desses registros que muitas vezes foram fundamentais na execução de um projeto. Serão expostas as inquietações em que o artista muitas vezes se encontra, mas onde ao mesmo tempo persegue as soluções desejadas. Nesse sentido, será possível verificar a influência desses cadernos na elaboração da poética de alguns artistas renomados da história. O caderno será sempre uma bússola.

Palavras-chave: caderno; desenho; olhares; artista

THE ARTIST'S NOTEBOOK AND HIS MEMORIES: DRAWING LOOKS AND EMOTIONS

Abstract This article intends to show that every artist, by making use of his notebook, takes a more concrete path to show his ideas. Like the drawing, with its notes and concerns, it reflects its inner self, trying to solve its doubts while talking to its soul. It will also address the relevance of recording the motivation and discovery caused by the artist's gaze and the importance of these records, which were often fundamental in the execution of a project. The concerns that the artist often finds himself in, at the same time that pursues the desired solutions, will be exposed. In this sense, it will be possible to verify the influence of these notebooks for the poetic elaboration of some renowned artists in our history. The notebook will always be our compass.

Keywords: notebook; design; look; artist

INTRODUÇÃO

“Toda a percepção é também pensamento, todo o raciocínio é também intuição, toda a observação é também invenção.”

Rudolf Arnheim

Cada vez mais difundido entre os que se propõem a criar ou apenas escrever com desenhos seus momentos, o caderno de artista vem se tornando objeto de estudos, principalmente pelo fato de mostrar a trajetória de quem se propõe a concebê-lo, onde vemos o caminhar do seu processo artístico. O ato de registrar ideias, reflexões, a escrita de observações, sobre suas produções e percepções, faz com que, quando olhamos essas anotações, nós tenhamos contato com quase tudo que o próprio artista percebeu. Normalmente nos mostram, de forma efetiva, o que os olhos do artista captaram, o que ele pensou, que caminho ele poderá direcionar sua obra.

Nesse artigo, será mostrado, de forma breve, o que é o caderno de artista e sua possível utilização como um catalizador de emoções, assim como a sua importância para muitas ideias que surgiram na mente de alguns artistas. Em como seus olhos e mãos foram capazes de perceber, apreender e perpetuar uma imagem, com pouquíssimos traços; por meio de tais registros, artistas rabiscam e manifestam de forma livre seus pensamentos, podendo ter a sua frente algo que eles possam ter como modelo de inspiração, ou apenas esboçando reflexões que passam por suas mentes e corações.

A prática de registrar imagens não é nova, entretanto tornou-se mais comum a partir do Renascimento, onde alguns artistas muito importantes de nossa história deixaram inúmeros e significativos registros, a exemplo de Leonardo da Vinci. Este deixou praticamente tudo o que o interessava registrado em folhas de papel soltas ou em cadernos, que até hoje despertam interesse em muitos estudiosos.

Da época de Da Vinci até hoje, cada vez mais artistas deixaram esboços e anotações em seus cadernos. Esses croquis ou simples desenhos, certamente foram importantes para cada um deles, pois mostram o caminho para solução de problemas, a partir do que os olhos do artista estão captando, o que ele está pensando. Assim como nos diz a artista e pesquisadora brasileira Berger, o desenho é um desses vestígios. Em suas diferentes manifestações, quer seja o esboço, o projeto, a cartografia ou o esquema, o desenho é muitas vezes um recurso utilizado inicialmente pelos artistas para expressar suas ideias. (2014, p.47)

O ato de realizar esboços ou croquis rápidos auxilia o processo criativo, revelando-se importante ferramenta de registro e memória de objetos ou motivos captados pelo olhar do artista. Nas palavras da doutoranda Okamoto, podemos considerar, nesse sentido, que como ‘princípio criativo’, o traço, o esboço, ou croquis, são desencadeadores de potenciais processos imaginativos e descritivos. (2009, p.1)

Hoje, temos em mãos materiais suficientes para registrar essas imagens, principalmente pela fotografia. Entretanto, para os artistas, croquis, desenhos e tudo mais que se cria, será sempre importante nesse processo de absorção imagética. Sem dúvida é prazer que grande parte dos artistas tem, quando resolvem parar em frente a algum local que os chamem a atenção e desenhar, ou simplesmente escavar das suas memórias uma lembrança para que esse registro possa ser executado.

Muitas vezes o que é escrito e desenhado no caderno se transforma ao longo do tempo, dando os primeiros passos para projetos maiores ou sendo aproveitado para o andamento de outros possíveis trabalhos, como um quadro por exemplo. Santos em seu artigo *Desenhar, guardar, reencontrar: uma poética para cadernos de desenhos diários* nos dirá que “De certo modo, é possível pensar que essa prática origina a maior parte dos trabalhos, e toma diversas direções.” (2017, p. 701)

Acreditamos que, de modo geral, o caderno de artista deve ser valorizado como um caderno de apontamentos, pois todas as impressões e ideias registradas através da forma e da imagem, mostram o caminho trilhado pelo mesmo, com suas dificuldades e soluções, do início ao final de sua obra. Nesse sentido, cabe aqui uma diferenciação importante entre o que se entende por “caderno de artista” e “livro de artista”.

CARACTERÍSTICAS DO CADERNO DE ARTISTA E O LIVRO DE ARTISTA

Cadernos, com suas anotações, croquis e seus desenhos mostram, como o artista flutua em suas observações e pensamentos, indo ao encontro de si mesmo muitas vezes como forma de reflexão sobre aquilo que propõe com seus desejos. Quando almeja alcançar a definição do que para ele é o caminho da perfeição, ele precisa sentir esse processo. Segundo a professora e pesquisadora Bernardes um caderno de artista exige de nós uma predisposição para a reflexão constante. (2013, p. 32) O ato de desenhar, amplia esse olhar e faz com que o artista chegue perto de esclarecer possíveis dúvidas, refletindo sobre sua prática em como fazer para achar o resultado que quer encontrar.

Alguns estudos retratam as diferenças existentes entre caderno de artista e livro de artista. Rocha em seu *“Caderno de Artista: um meio de reflexão”* nos dirá que “os chamados cadernos de artista ou diários de artista é uma forma de diálogo entre o artista e seu trabalho” (2010, p.611). De fato, um caderno de artista conta a história da evolução de um trabalho, não raro, sendo o guia mestre para a concretização da evolução de uma ideia artística. Temos que ponderar, entretanto, que existem diferentes concepções e definições para caderno e livro de artista.

Em seu artigo, “Definições e indefinições do livro de Artista”, Paulo Silveira cita Castleman com uma frase bem significativa no contexto da definição acerca do livro de artista: “livros de artista são isso – a obra do artista cujo imaginário, mais do que estar submetido ao texto, supera-o por traduzi-lo dentro de uma linguagem que tem mais significados do que as palavras sozinhas podem transmitir” (CASTLEMAN apud SILVEIRA, 2008 p.50)

O autor trará também a definição que Clive Phillpot faz sobre a diferença entre as múltiplas possibilidades de livros de artistas, no boletim da Sociedade das Bibliotecas de Arte da América do Norte de 1982 onde,

ilustra o seu artigo com um diagrama em que propõe interseções ou áreas comuns ao campo dos livros comuns, dos livros de artista e da arte. O livro de artista pode ser apenas um livro convencional, pode ser um livro-objeto, ou pode ser um livro-obra, pertencendo tanto à arte como à bibliofilia. Em todos os casos eles podem ser únicos ou múltiplos. (SILVEIRA, 2008)

Descreverá ainda a diferença entre as muitas possibilidades de livros:

livro. Coleção de folhas em branco e/ou que portam imagens, usualmente fixadas juntas por uma das bordas e refiladas nas outras para formar uma única sucessão de folhas uniformes.

livro de arte. Livro em que a arte ou o artista é o assunto. livro de artista. Livro em que um artista é o autor.

arte do livro. Arte que emprega a forma do livro.

livro-obra [bookwork]. Obra de arte dependente da estrutura de um livro.

(Apud SILVEIRA, 2008, p.47)

Diante dessas breves definições, temos um pequeno parâmetro para que possamos compreender a diferença entre caderno e livro de artista.

COMO O DESENHO SE JUSTIFICA?

Inicialmente se faz necessária a definição acerca do que seria o desenho, que muitas vezes parece tão simples, mas que traz uma enorme complexidade em seu desenvolvimento.

Segundo o professor e ilustrador Isoda o ato de desenhar envolve muitas etapas, procedimentos e ações – muitas delas intelectuais. (2013, p.19). De fato, esse ato percorre um caminho extenso, pois esse processo nos mostra muitos vieses. Quando estamos diante de algo que escolhemos para registrar, cria-se uma tensão. Não sabemos como será esse caminhar. Sabemos como será esse processo mecânico, mas não temos certeza em como o desenho irá se mostrar no papel.

O que vamos desenhar? Como ficará a imagem que estamos observando? Como transportar esse enquadramento, para a folha de papel que está a nossa frente? Podemos comparar esse momento ao de um poeta ou um escritor. Ficam diante da sua criação, onde escreve uma palavra, retira, coloca outra, acha sua rima, seu pensamento, até que o texto ou poema fiquem prontos. No desenho se dá o mesmo. Colocamos um traço, retiramos, colocamos uma sombra, escurecemos um pouco mais, e no momento certo temos que pensar que está terminado.

Fica registrado nesse desenho nossa ação, uma intenção, sua poesia na forma visual. Antes, esse registro passou por nosso coração, onde primeiramente fomos sensibilizados pela imagem que escolhemos reproduzir, depois nosso cérebro, que comanda nossa ação de desenhar, refletido nos movimentos das mãos, terminando por fim a captura dessa imagem no suporte escolhido. É difícil saber como irá terminar o desenho, porém mais complexo ainda é definir desenho. Entretanto, temos características que facilitam o caminhar, uma delas se dá na escolha do tema. Sigamos o caminho das minhas lembranças, onde desde criança, com meus cadernos escolares, me colocava a frente de determinados objetos, onde eu pudesse extrair qualquer traço, qualquer desenho em que eu pudesse ultrapassar meus desafios. Não era fácil. Cada traço conquistado, era uma etapa percorrida. Com o passar do tempo fui dificultando meus objetivos no que escolher para registrar, incluindo mais detalhes, mais cores, mais texturas. Nos últimos anos tenho descoberto minha predileção por essas provocações. Casas velhas, paredes descascadas, pedras ou pessoas, me trouxeram dificuldades maiores mas conseqüentemente mais conhecimento nos meus esboços. O pensar nas etapas, na rapidez da captação do momento, a luz que aparece e desaparece de forma imprevisível, me trouxeram menos receio no enfrentamento do desafio de encarar uma página em branco. O desenho abaixo exemplifica bem a captação da imagem, no qual não sabemos como irá terminar. Foram vinte e cinco minutos de um bom treino.



Figura 1: Estudo com Pessoa Sentada

Fonte: ACERVO PESSOAL

Isoda ainda expõe que é notória a dificuldade de achar uma definição para o que é desenho. (2013, p. 18) Contudo, gosto de pensar que não precisamos ter a certeza absoluta sobre a definição do termo desenho. O que precisamos ter claramente em nossa condição de artista é que essa indefinição não faça diferença na nossa forma de captar a imagem escolhida. O que precisamos ter sempre é a sensibilidade no olhar, na escolha, e de desenho em desenho, construir nosso mundo. Podemos considerar uma página em branco um caminho sem volta. Depois desse enfrentamento, depois dessa certeza de onde começar, onde podemos explorar esse espaço e expor nossa transpiração e inspiração, nossa alma certamente ficará mais leve, pois nada no mundo nos dá mais satisfação do que termos cumprido aquela tarefa que elegemos. Por isso não precisamos ter a certeza do que é desenho.

O PASSO CRIATIVO

Pesquisando um diário desenhado, podemos ter uma noção de quanto um artista planejou, pensou, estudou para sua obra, seu estilo de desenhar, os materiais que preferiu

utilizar no seu trabalho. É uma excelente forma de conhecer todo o passo a passo criativo que antecede a obra. Todo artista é uma esponja de emoções, absorvendo tudo o que pode ao seu redor.

Da mesma forma que uma criança brinca com pedras, galhos, folhas e os transformam no que ela quer com sua imaginação, o artista brinca com qualquer material que ele possa desenhar, bastando apenas um suporte e a sensibilidade no olhar, para transformar a imaginação em realidade, em um simples estudo ou concretizando em uma pintura.

O caderno de artista tem a capacidade de guardar momentos que certamente seriam perdidos. Ele conversa conosco. No instante que o abrimos e começamos a rabisca-lo, ele se torna nosso amigo, nosso cúmplice, aguardando apenas o que há de surgir de dentro de cada artista: a capacidade de criar, com visões e formas, onde só ele é capaz de enxergar e explorar as páginas em branco, com qualquer material que possa deixar marcas, onde esses desenhos reflitam sempre sua sensibilidade. Todo caminho tem o primeiro passo. Toda arte tem seu primeiro esboço.

Artistas plásticos, arquitetos, músicos, designers, cineastas, entre outros criadores, cada qual ao seu modo, utilizam-se das suas possibilidades imaginativas para por em prática uma forma pensada e desejada. E, quase sempre, constroem seu universo criativo a partir de anotações ou apontamentos em cadernos. (OKAMOTO: 2009, p.1)

A prática e o olhar trazem uma certa firmeza no desenho. O caderno de artista revela, para quem se propõe a produzi-lo, questões no qual ele possa ter dúvidas em relação ao que ele irá produzir. BERGER (2014) salienta que “o desenho aguça o olhar, faz com que enxerguemos de um modo mais profundo não apenas as coisas, mas tudo o que nos propomos a desenhar, inclusive as ideias”. Outro importante aspecto sobre o ato de desenhar que a autora ressalta se refere ao registro perceptivo do cotidiano. Tais desenhos, segundo Berger,

podem ser entendidos como meio de refletir sobre a relação do sujeito com o mundo: como o artista se coloca física e psicologicamente em relação às coisas que o cercam... outro tipo de desenho utilizado pelos artistas é o desenho enquanto registro ou percepção do cotidiano. São desenhos que podem ser entendidos como meio de refletir sobre a relação do sujeito com o mundo: como o artista se coloca física e psicologicamente em relação às coisas que o cercam. (BERGER: 2014, p. 51)

A POÉTICA DA REFLEXÃO DO OLHAR E SEUS PROCESSOS

Todo artista tem sua forma de registrar imagens. Ele pode usar vários materiais para fazer esse registro. Mas será a percepção do artista o retrato de seu olhar? Existe alguma diferença entre essas duas ações, o olhar e a percepção?

Gil diz que a reflexão da visão se apoia no olhar. (1996, p.48) Partindo desse princípio, podemos dizer que a reflexão é uma palavra que pode denotar, em questões visuais, uma observação atenta e profunda sobre alguma coisa que se está observando. Em termos práticos, nem sempre estaremos percebendo o que de fato a cena pode nos mostrar, caso não haja uma reflexão ou uma leitura daquilo que estamos vendo. Uma porta antiga de madeira pode ser somente uma porta. Ainda em Gil “o olhar implica uma atitude. Pomo-nos em posição não apenas de ver, mas de participar...”.

No momento em que apuramos o olhar, percebemos claramente que aquela porta quer nos mostrar mais alguma coisa, mais algum detalhe, pois ela está pedindo para ser vista. Ela conversa conosco. Se mostra, com os tons da madeira, com a tinta antiga por cima, com seus

veios e sua história. Mostra o tempo impregnado em sua aura. Nos trazem reflexões sobre nosso olhar, sobre o objeto ou tema escolhido, com seus muitos detalhes.

O REGISTRO DAS PERCEPÇÕES

Várias gerações de artistas, entre anônimos e conhecidos do mundo da arte, fizeram uso de seu caderno ou cartas como instrumento de trabalho. Desde Leonardo da Vinci, passando por Van Gogh, chegando a Picasso, com seus mais de cento e cinquenta cadernos. A utilização de cadernos tem perpassado também as práticas e processos poéticos de muitos brasileiros, entre eles, as artistas Tarsila do Amaral e Anita Malfatti.

Quando analisamos cadernos de artistas, vemos como as anotações são importantes para o primeiro passo de qualquer projeto. Entretanto, em muitos casos, mesmo sem o uso de um caderno, percebemos a importância das anotações em outros meios. Van Gogh é um grande exemplo de como as anotações podem contribuir com o processo poético, conforme percebido nas cartas compiladas no livro “Cartas a Théo”. Ele usa suas cartas não somente como meio de comunicação mas como contribuição para seu desenvolvimento perceptivo e artístico. Pode-se destacar que Van Gogh fez uso dessas cartas, que frequentemente enviava a seu irmão, com registros de seus esboços, onde descrevia em muitas delas, suas ideias, as possibilidades de diálogo e integração entre desenhos que ele produzia e a possível pintura. Ele captava de forma extraordinária todos os temas que o interessavam, muitas vezes como preparação para suas telas. Essas cartas foram de extrema importância para o registro das ideias de Gogh. Quando não podia pintar, recorria ao material que pudesse desenhar, que estivesse a mão.

Van Gogh, em um de suas cartas, é bem explícito quando pensa em um esboço e o compara a um quadro. Relata de forma simples: “fazer estudos, no meu entender, é semear, e fazer quadros é colher”. (VAN GOGH, 1997, p.91) Todos esses passos foram fundamentais para esse processo de aprendizagem. Van Gogh buscava determinados pontos de vista com texturas ou algo diferente que o chamasse a atenção. Enxergava possibilidades quando dizia “na mais pobre casinha, no mais sórdido cantinho, vejo quadros e desenhos” (VAN GOGH: 1997, p.79).

Em outra de suas cartas dirá ao irmão que “o verdadeiro pintor deixa-se guiar por essa consciência que chamamos sentimento. Sua alma, seu espírito não estão a serviço de seu pincel, mas seu pincel é que está a serviço de seu espírito” (Ibidem, p. 151) Na carta 489 endereçada a seu irmão Théo, vemos um exemplo perfeito de como ele detalhava seu trabalho:

Fiz esta semana duas naturezas-mortas. Uma cafeteira de ferro esmaltado azul, uma xícara (à esquerda) azul real e ouro, uma jarra de leite quadriculada azul pálido e branco, uma xícara – à direita – branca com desenhos azuis e alaranjados sobre um prato de terra amarelo-cinza, uma jarra de louça ou de faiança azul com desenhos vermelhos, verdes, castanhos, enfim duas laranjas e três limões; a mesa está coberta por uma toalha azul, o fundo é amarelo-verde, portanto, seis azuis diferentes e quatro ou cinco amarelos e alaranjados.



Figura 2: Natureza Morta com Cafeteira

Acima, o rascunho do desenho na carta. Abaixo, a pintura em definitivo.

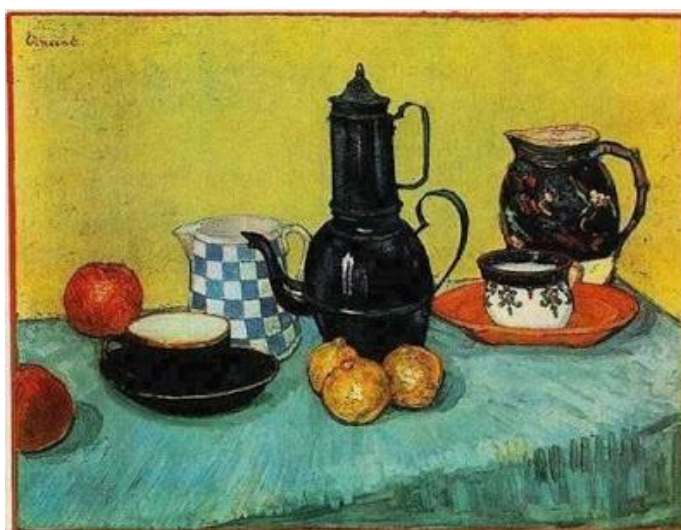


Figura 3: Natureza Morta com Cafeteira

Outro grande artista que fez uso de suas anotações, com isso deixando um legado enorme de raciocínios e ideias, foi Leonardo Da Vinci. Vemos inúmeros desenhos e esboços, dos mais variados temas. Segundo ISAACSON (2017, p.127) “um dos propósitos dos cadernos era o de registrar cenas interessantes, sobretudo aquelas envolvendo pessoas e emoções”. Da Vinci aparentemente não se intimidava com qualquer assunto que pudesse desenhar, colocando em prática sua vontade ferrenha de registrar o que ele pudesse em seus cadernos. Essa curiosidade intensa fez com que cada vez mais se aprofundasse em alguns de seus muitos estudos, como a proporção ideal de uma figura humana, a relação entre o tamanho do ramo e o tronco da árvore, o voo de um pássaro e os equipamentos voadores. Um gênio, combinando a arte e a ciência.



Figura 4: *Études d'optique, Manuscrit A (Um Manuscrito de Estudos ópticos)*

Em muitos momentos, antes do fechamento de qualquer ideia, os artistas expressam seus primeiros conceitos em esboços, geralmente um desenho a mão. Trata-se de uma forma rápida de formalizar as ideias, que sempre ajudam os artistas a progredirem em possíveis soluções, caso seja necessário para um futuro projeto artístico. Guardar esses esboços é de suma importância para o processo de criação do artista. Por mais rudimentares que sejam esses desenhos, eles são parte importante do processo criativo, sempre incluindo a personalidade do artista.

O caderno do artista é algo sem forma fixa e em constante mudança. Não possui limites, pois o mesmo pode ser manipulado diversas vezes, de diversas formas, com diversos materiais, sempre seguindo com seu objetivo maior que é o de registrar ideias. Esse caderno, é uma vida que vai se iniciando, que vai se modificando, para qualquer outro trabalho artístico que possa sair desses esboços. Nesse contexto, é imprescindível que o artista faça do seu caderno seu companheiro de todas as estradas, pois no mais escondido detalhe, poderão ser observadas ideias iniciais, onde a partir desse *start* o mesmo será capaz de transformar seu processo inicial, saindo do casulo para o voo da sua arte. Não existem regras para o caminhar dessas anotações, muito menos restrições no que se desenhar, em como se desenhar e quais materiais usar para isso. O mais importante é que sua inspiração não seja perdida. Isaacson cita que a beleza de manter um caderno de anotações é o fato de ele incentivar o registro de pensamentos passageiros. (2017, p.130)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que envolve a aura da criação, o caderno de artista é sem dúvida um instrumento capaz de transformar ideias em trabalhos, concretizar sonhos, ser um apoio efetivo para qualquer artista. Certamente é um caminho onde quem cria pode trilhar para percorrer sua alma. Quem cria sabe que precisa de um suporte para esse momento, em que capta uma imagem com a qual se vê envolvido. O caderno de artista muitas vezes mostra esse percurso, desde o primeiro pensamento até a projeção, concretizando-se em arte.

Ele deve ser um dos veículos onde escrevemos nossas ideias. Na verdade, além disso, cremos que a primeira folha que devemos abrir seja a folha da nossa alma que deve sempre estar aberta a novas experiências e aprendizados. Nessas páginas, devemos imprimir primeiramente nossa vontade, aquilo que nos move, o que mexe com nosso instinto. Somos capazes, como artistas, de imprimir em nosso íntimo, primeiramente o encanto que uma

imagem produz, depois concretizá-lo em uma folha de papel. Arrisco a dizer que nascemos para isso, isto é, mostrar ao mundo que somos capazes de transformar um olhar em arte, bastando para tanto desenhar. Parafraseando Lygia Clark, que em uma de suas cartas¹ a Hélio Oiticica disse que “uma carta é sempre um pedaço da pessoa”, penso que um rabisco ou um desenho também será sempre um pedaço do artista.

¹ Carta da artista Lygia Clark para Hélio Oiticica, escrita em 06 de fevereiro de 1964 ao chegar na Alemanha. FATORELLI, Malu. Correspondências. Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Rio de Janeiro, Número 14. Edição Especial, EBA- UFRJ, 2007. p.324 a 381

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARNHEIM, Rudolf. **Arte e Percepção Visual**: uma psicologia da visão criadora. São Paulo: Editora Pioneira Thomson Learning, 2005.

BERNARDES, R. K. (2013). **Caderno de artista**: narrativas autobiográficas. In: Revista SCIAS - Arte/Educação, nº1, Periódicos UEMG, 2013. p.30–38

BERGER, B. **Tracejando Esboços e Palavras na Pesquisa Poética**. DAPesquisa, Florianópolis, v. 9, n. 12, 2014. p. 45 – 57.

FATORELLI, Malu. **Correspondências**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Rio de Janeiro, Número 14. Edição Especial, EBA- UFRJ, 2007. p.324 a 381

GIL, José. **A imagem-Nua e as Pequenas Percepções** - Estética e Metafenomenologia. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1996.

GOGH, Vincent Van. **Cartas a Théo**. 2 ed. Porto Alegre: Editora L&PM Pocket, 2007.

ISAACSON, Walter. **Leonardo da Vinci**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

ISODA, Gil Tokio de Tani. **Sobre desenho**: estudo teórico visual. 2013. Tese Mestrado Área: Design e Arquitetura, FAUUSP - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

LACOSTE, Jean. **A Filosofia da Arte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

MATTAR, Marina Ribeiro. **O livro como forma de arte**: a contribuição de Julio Plaza na produção e teorização do livro de artista no Brasil. . In: Estudos Literários Brasileiros Contemporâneos. Brasília, n. 62, e627, 2021.

OKAMOTO, Ayao. **Os cadernos de apontamentos**: percurso e fabulação do desenho no universo das sensações. 2009. Tese (Doutorado em Artes) - Poéticas Visuais - Escola de Comunicação e Artes-ECA/USP, São Paulo, 2009.

SANTOS, Alice Porto. **Desenhar, Guardar, Reencontrar**: uma poética para cadernos de desenhos diários. In: In: I Seminário Internacional de Investigación em Arte y Cultura Visual, 1º , 2017. Uruguai. Anais [Dispositivos y Artefactos Narrativas y Mediaciones]. Uruguai: Universidad de la República, 2017. p. 701-706.

SILVA, Francisco José Vaz. **Desenho, Imagem, Imaginação**. Vol. 1. 2005. Dissertação de Mestrado em Desenho. Universidade de Lisboa – Faculdade de Belas Artes, Lisboa, 2005.

SILVEIRA, Paulo. **Definições e indefinições do livro de artista**. In: A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista. 2008. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. p. 25-71

SOUZA, Márcia Regina Pereira. **O livro do artista como lugar tátil**. Dissertação de Mestrado em Processos artísticos contemporâneos – Centro de Artes – CEART- Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2009.

SUZUKI, Clarissa Lopes. **Cadernos de Artista: páginas que revelam olhares da arte e da educação**. 2014. Dissertação (Mestrado em Teoria, Ensino e Aprendizagem) Programa de Pós graduação em Artes Visuais – Escola de Comunicação e Artes / Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

ROCHA, Maria Clara Martins. **Caderno de Artista: Um meio de Reflexão**. *in*: ANPAP-19º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas “Entre Territórios”, 2010. Bahia. 2010 p.607 – 613.

VIZACO, Lucenne Maria da Cruz. **Transversais contemporâneas em livros-de-artista**. Dissertação de mestrado em Arte e Cultura Contemporânea. Centro de Educação e Humanidades – Instituto de Artes. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2009.

Lista de Figuras:

Figura 1: Estudo com Pessoa Sentada (acervo pessoal)

Figura 2: NATUREZA MORTA COM CAFETEIRA

Disponível em: <http://ojoane.blogspot.com/2008/03/van-gogh-cartas-tho-vii.html> Acesso em: 27/01/2021

Figura 3: NATUREZA MORTA COM CAFETEIRA

Disponível em: <http://ojoane.blogspot.com/2008/03/van-gogh-cartas-tho-vii.html> 27/01/2021

Figura 4: Études d’optique, Manuscrit A, (Um Manuscrito de Estudos ópticos) (Leonardo Da Vinci Paris, Bibliothèque de l’institut de France. Fonte fotografia de RMNBulloz para catálogo do Museu du Louvre 2003

AGRADECIMENTOS

Agradeço o carinho e a compreensão de minha orientadora Janaína Laport e suas contribuições com o caminhar desse projeto.

A todos os professores de Artes que nos atravessaram com seus valiosos conhecimentos. A todos os colegas que contribuíram com suas experiências artísticas.

A minha esposa Josiane Rezende por sua imensa ajuda e paciência.

E a nossa querida Ingrid, que em algum lugar nas estrelas torce por nós.